

Perfil e significados para a formação em enfermagem

Profile and meaning for training in nursing

Josué Souza Gleriano

Professor da Universidade do Estado do Mato Grosso

Noabia Cristina Rodrigues Marca

Pesquisadora da Universidade do Estado do Mato Grosso

Jadson Justi

Professor da Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

A enfermagem é uma ciência em constante conquista de espaço no mercado de trabalho e iniciou-se no Brasil em 1890, no Rio de Janeiro, com a Escola Profissional de Enfermeiros. Este trabalho objetivou conhecer o significado da enfermagem e perfil socioeconômico de acadêmicos ingressantes e concluintes da graduação em enfermagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa aplicada a 38 ingressantes e 10 concluintes de um curso de enfermagem de uma universidade pública na região Médio Norte mato-grossense, por meio de questionário estruturado. O estudo evidencia que os acadêmicos de enfermagem são, em sua maioria, jovens adultos, do sexo feminino, solteiros e sem filhos, não possuem vínculo empregatício e são provenientes de escolas públicas. Dentre os ingressantes, a escolha da enfermagem deve-se à vocação e, entre os concluintes, estes não mencionaram o motivo. Ambos os grupos associam a enfermagem com o cuidar, o que, porém, os ingressantes explanam de forma caritativa; já os concluintes o mencionam com caráter científico proveniente da vivência acadêmica expressamente marcada ao processo de assistência ao corpo, decorrente de uma indução ao caráter biologicista de formação. Faz-se necessário repensar a formação acadêmica nessa área e compreender qual o norte dado no currículo educacional para orientar a formação em saúde.

Palavras-chave: Estudantes de enfermagem. Enfermagem. Ensino Superior.

ABSTRACT

The Nursing is a science in a constant achievement space in the labour market and it has started in Brazil in 1890, in Rio de Janeiro city, by Nursing Professional School. This paper subject is to know the nursing meaning as well the socioeconomic profile of the new nursing academics as well of the graduating ones. This is a qualitative research applied to 38 entrant and 10 graduating academics from a Public University Nursing Course in the Middle North Mato Grosso, through structured questionnaire. The study emphasizes that most part of nursing academics are young adults, female, single, without children nor employment relationship, and come from public schools. Among the new academics, the choice to this course is a vocational rule, and among the graduating, the points were not mentioned. Both groups linked nursing and care, although to the entering students is a charitable activities. In the other side, the graduating ones refer as scientific character from academic experience expressly tagged to body assistance process, from an induction to biologic character formation model. It's necessary a strategic rethinking of the academic qualification in this area and an understanding of the direction to the educational curriculum as a guide to health academic qualification.

Key words: Nursing academics. Nursing. Higher education.

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma ciência em constante conquista de espaço no mercado de trabalho e na busca do aperfeiçoamento no intuito de prestar cuidados de qualidade, não deixando escapar suas ligações com a compaixão, o carinho e o respeito aos pacientes (PERRY, 2013).

O ensino em enfermagem no Brasil iniciou em 1890, no Rio de Janeiro, com a Escola Profissional de Enfermeiros, no Hospício Nacional de Alienados, objetivando formar pessoas do sexo feminino na instrução teórico-prática, hoje então chamada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. No entanto a primeira escola de enfermagem moderna nos moldes nightingalianos foi a Escola de Enfermeiras Anna Nery, em 1923 (TEIXEIRA et al., 2006).

Desde então, a enfermagem destaca-se entre os cursos de ensino superior. Apresentou crescimento significativo desde 1969, ano que denotou o quantitativo de 32 cursos de enfermagem abertos. No período de 2000 a 2005, registraram-se 310 novos cursos de enfermagem, formando cerca de quinze mil enfermeiros por ano (BAPTISTA e BARREIRA, 2006). O Brasil conta com 781 instituições de ensino que oferecem a graduação em enfermagem, destas, 18 estão localizadas no estado de Mato Grosso (BRASIL, 2017).

O Brasil apresenta um quantitativo de enfermeiros recomendado pela World Health Organization (2006), que varia de 1 a 4 por 1.000 habitantes; e registra 346.968 inscritos no Conselho Federal de Enfermagem sendo que a maioria destes, 180.781, concentra-se na região sudeste, cenário que dificulta a interiorização dos profissionais (KREMPEL, 2012).

Acredita-se que o crescimento da enfermagem se dá pelo fato de esta disponibilizar várias opções para seguir carreira; o profissional então formado pode escolher a área da prática clínica, gerenciamento, educação, pesquisa e até mesmo o empreendedorismo (PERRY, 2013).

Nota-se que a enfermagem é crescente no Brasil, e faz-se necessário conhecer as perspectivas desses futuros profissionais para identificar o que eles almejam da profissão. A pesquisa norteou-se pelos questionamentos: Qual o perfil e quais são as percepções de acadêmicos ingressantes e concluintes, de uma universidade pública, frente à escolha da graduação em enfermagem, as perspectivas de atuação dos acadêmicos, e a contribuição da universidade na formação?

Objetiva-se, pois, conhecer o perfil socioeconômico e o significado da enfermagem para acadêmicos ingressantes e concluintes da graduação em enfermagem.

MÉTODOS

Este estudo engendra-se como exploratório com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada em uma universidade pública localizada na região médio norte mato-grossense. Essa instituição possui 13 campi e tem caráter de interiorização do ensino no estado. O curso de enfermagem foi implantado na Universidade em 2006.

A pesquisa foi aplicada aos acadêmicos de enfermagem que estavam ingressando e aos que estavam finalizando. Optou-se pelo 1º período de enfermagem, pois os ingressantes ainda não possuem conhecimento atribuído por docentes na graduação, e pelo 10º período devido aos alunos já possuírem conhecimento científico em relação à profissão. Participaram acadêmicos maiores de 18 anos de idade que aceitaram voluntariamente participar do estudo com respaldo da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionários estruturados, com um roteiro de questões fechadas que abordam o perfil socioeconômico, a saber: a) sexo b) idade c) nacionalidade d) raça/cor e) estado civil f) moradia g) filhos h) trabalho i) renda j) escola em que cursou o ensino médio k) estado de conclusão do ensino médio l) critério para ingresso na universidade m) pretende receber/recebeu algum tipo de auxílio permanência n) pretende receber/recebeu algum tipo de bolsa acadêmica o) motivo para a escolha do curso.

Os dados foram coletados em sala de aula, após leitura e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos, garantindo-lhes o direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento. Foi solicitado aos alunos que manifestaram o interesse de participar a assinatura do termo em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador. Participaram da pesquisa 38 acadêmicos ingressantes e 10 concluintes.

O perfil socioeconômico foi apresentado em forma de tabela com a descrição de seus valores absolutos e frequência de distribuição simples. Foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1979) do tipo temática em três etapas, a pré-análise, a exploração do

material por meio da seleção de unidades de análise e o processo de categorização, sendo as respostas agrupadas em duas categorias, a saber: a) Escolha da enfermagem b) Significado da profissão.

Para a escrita das perguntas abertas utilizou-se a identificação 'I.N.' para os ingressantes e 'C.O.' para os concluintes, e sequência numérica cardinal crescente para identificar o quantitativo de sujeitos, respeitando o anonimato e os preceitos éticos. Esta pesquisa foi aprovada sem restrição pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso recebendo o Parecer de n. 1.171.504.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No perfil socioeconômico, os resultados elucidam a compilação dos dados do questionário estruturado, aplicado a uma amostra de 48 acadêmicos (38 ingressantes e 10 concluintes). A Tabela 1 apresenta a caracterização do perfil socioeconômico, percebe-se prevalência do sexo feminino, com maior concentração na faixa etária de 18 a 28 anos. São de nacionalidade brasileira, autodenominam-se de cor parda, solteiros e residem com os pais, os ingressantes. Diferentemente, os concluintes moram sozinhos, não possuem filhos, não possuem vínculo empregatício. A renda apresenta a variação entre 1,5 a 3 salários mínimos para 34,2% dos ingressantes, já 30,0% dos concluintes possuem renda de 3 a 4,5 salários mínimos e outros 30,0% de 6 a 10 (30,0%) salários mínimos.

Observa-se a ausência do sexo masculino entre os concluintes, porém já se faz presente entre os ingressantes, resultados que se assemelham com estudo realizado em Indaiatuba, SP, onde 24,1% dos ingressantes são do sexo masculino (HERMIDA, 2008). A enfermagem associada somente ao sexo feminino tem passado por mudanças há alguns anos. Atualmente ela ainda é composta em sua maioria por mulheres (84,6%), porém a presença do sexo masculino vem crescendo, sendo caracterizada em 15,0% pelos homens (BRASIL, 2015). Dado o contexto histórico das primeiras escolas de enfermagem no Brasil, havia claramente uma predominância para o sexo feminino, porém o homem sempre esteve presente na enfermagem, normalmente nas ordens militares pela necessidade da força física (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

A inserção na graduação está ocorrendo cada vez mais cedo entre os jovens, a amostra apresentou que 89,5% dos ingressantes e 90,0% dos concluintes possuem até 28

anos. A presença de jovens na educação superior provoca grandes desafios a esses futuros profissionais, como aumento da responsabilidade e principalmente a incerteza do que realmente almejam. Este estudo evidenciou essa indecisão, porém alguns estudos defendem que essa inserção rápida em estudos de nível superior possibilita oportunidades mais cedo, gerando perspectiva de crescimento e progresso (BRITO; BRITO; SILVA, 2009).

Tabela 1 - Caracterização do perfil socioeconômico dos ingressantes e concluintes da graduação em enfermagem em uma universidade pública do Médio Norte mato-grossense

Variável	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Sexo:				
Feminino	32	84,2	10	100,0
Masculino	6	15,8	-	-
Idade:				
18 — 28 anos	34	89,5	9	90,0
28 — 38 anos	3	7,9	1	10,0
38 — 48 anos	1	2,6	-	-
Nacionalidade:				
Brasileira	35	92,1	8	80,0
Não respondeu	3	7,9	2	20,0
Raça/cor:				
Parda	19	50,0	3	30,0
Branca	13	34,2	3	30,0
Preta	4	10,5	2	20,0
Indígena	1	2,6	-	-
Não respondeu	1	2,6	2	20,0
Estado civil:				
Solteiro	24	63,2	8	80,0
Casado	9	23,7	1	10,0
Separado judicialmente	3	7,9	-	-
Outros	2	5,3	1	10,0
Moradia:				
Em casa, com pais e/ou parentes	18	47,4	-	-
Em casa, com cônjuge e/ou filhos	8	21,0	-	-
Em casa, sozinho	6	15,8	8	80,0
Em casa, com outras pessoas	4	10,5	-	-
Em outros tipos de habitação individual	2	5,3	-	-
Não respondeu	-	-	2	20,0
Filhos:				
Sim	10	26,3	-	-
Não	28	73,7	9	90,0
Não respondeu	-	-	1	10,0
Trabalho:				

Variável	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Não está trabalhando	30	79,0	7	70,0
Trabalha eventualmente	3	7,9	3	30,0
Trabalha até 20 horas semanais	1	2,6	-	-
Trabalha de 21 a 39 horas semanais	1	2,6	-	-
Trabalha 40 horas semanais ou mais	3	7,9	-	-
Renda:				
Até 1,5 salário mínimo	12	31,6	1	10,0
De 1,5 — 3 salários mínimos	13	34,2	1	10,0
De 3 — 4,5 salários mínimos	5	13,1	3	30,0
De 4,5 — 6 salários mínimos	4	10,5	2	20,0
De 6 — 10 salários mínimos	2	5,3	3	30,0
De 10 — 30 salários mínimos	2	5,3	-	-

Fonte: Os autores, 2016.

No aspecto de residir sozinho ou com os pais, Teixeira, M., et al. (2008) corroboram ao abordar que a relação dos jovens com os pais antes da universidade influencia muito na adaptação nos primeiros semestres, pois inicialmente eles ainda estão dependentes psicologicamente. Com o passar do tempo, os alunos vão se adaptando e desapegando do vínculo familiar cotidiano, tornando-se psicologicamente independentes. A maioria dos acadêmicos refere não possuir vínculo empregatício, isso provavelmente se deve ao fato de o curso ser em período integral, diminuindo o tempo disponível para trabalho.

Dos ingressantes que referem algum tipo de trabalho, entre a faixa etária de 26 a 46 anos, 75,0% têm filhos. Destes 50,0% são casados e sua renda mensal varia entre 3 a 4,5 salários mínimos, maior do que a média da maioria dos alunos. Os que referem ser separados (33,3%) têm uma renda inferior aos casados, varia de 1,5 a 3 salários mínimos.

Quando se trata da conclusão do Ensino Médio, a Tabela 2 aponta que a maioria dos acadêmicos é proveniente de escola pública e o concluíram no Estado de Mato Grosso. Na entrada na universidade, para os ingressantes prevalece o critério pela escola pública, como cota, e, para os concluintes, diversos critérios. Contrapõe-se ao estudo de Vall, Pereira e Friesen (2009) ao apresentar que os alunos que ingressam às universidades públicas derivam de instituições de ensino particular.

O estudo evidenciou o elevado número de alunos provenientes de escolas públicas. O ingresso nessa universidade ocorre por meio do SiSU (Sistema de Seleção Unificada) no primeiro semestre do ano letivo, desde 2013, e, no segundo semestre, através do

vestibular, ação que representa a amostra desta pesquisa. Soma-se a isso a afirmação de que essa modalidade oportuniza a interiorização do ensino no estado.

Embora a maioria dos acadêmicos se autodeclarem pardos, somente 21,1% dos ingressantes e 20,0% dos concluintes utilizaram o Programa de Integração e Inclusão Étnico Racial (Resolução n. 200/2004 – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso), que destina 25,0% das vagas aos candidatos que se autodeclararem negros e pardos (MATO GROSSO, 2008).

Em relação aos auxílios e/ou bolsas, os ingressantes pretendem adquirir da universidade auxílio alimentação e bolsa de extensão; os concluintes, em sua maioria, não obtiveram nenhum tipo de auxílio e/ou bolsa.

Atualmente, a universidade disponibiliza bolsas acadêmicas, sendo de principal interesse as de extensão entre os ingressantes, cenário não muito familiar para os concluintes devido aos projetos estarem mais presentes na universidade a partir de 2014, diferente do estudo de Carrijo et al. (2007), realizado com egressos em Goiânia, ao evidenciar que 85,4% participaram de projetos de pesquisa, 24,4% de extensão, e todos foram contemplados com bolsas de ajuda de custo durante a sua formação.

Tabela 2 - Descrição do tipo de escola e estado de conclusão, com os critérios de ingresso e pretensão de auxílios de ingressantes e concluintes da graduação em enfermagem, em uma universidade pública do Médio Norte mato-grossense

Variável	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Escola que cursou o ensino médio:				
Pública	34	89,4	8	80,0
Particular	2	5,3	2	20,0
Maior parte em escola pública	2	5,3	-	-
Estado de conclusão do ensino médio:				
Mato Grosso	36	94,7	10	100,0
Não respondeu	2	5,3	-	-
Critério para ingresso na universidade:				
Nenhum	10	26,3	5	50,0
Étnico-racial	8	21,0	2	20,0
Renda	3	7,9	2	20,0
Escola pública	15	39,5	1	10,0
Não respondeu	2	5,3	-	-

Variável	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Pretende receber/recebeu algum tipo de auxílio permanência:				
Nenhum	9	23,7	8	80,0
Moradia	-	-	1	10,0
Alimentação	14	36,8	1	10,0
Moradia e alimentação	9	23,7	-	-
Permanência	1	2,6	-	-
Outros	5	13,2	-	-
Pretende receber/recebeu algum tipo de bolsa acadêmica:				
Nenhum	5	13,2	9	90,0
Iniciação científica	10	26,3	-	-
Extensão	15	39,5	-	-
Monitoria/Tutoria	2	5,3	-	-
PET	1	2,6	-	-
Outros	5	13,1	-	-
Não respondeu	-	-	1	10,0

Fonte: Os autores, 2016.

Em relação à escolha do curso de enfermagem (Tabela 3), dentre as opções apresentadas no questionário, a “vocação profissional” foi o motivo escolhido para maior frequência dos ingressantes; dentre os concluintes, prevalece a alternativa “outro motivo”, seguido de “vocação profissional”. Cabe ressaltar que a opção “prestígio social” não foi marcada por nenhum acadêmico.

Publicações sobre o prestígio social da enfermagem são escassas, foram encontrados dois artigos de Souza e Silva (2001, 2003), que analisaram o prestígio social de 13 profissões, com estudantes universitários e de pós-graduação. Em ambos os estudos, a profissão enfermeiro teve a sétima posição em relação ao prestígio profissional no método estimação de magnitudes.

Tabela 3 - Caracterização da escolha pela graduação em enfermagem de ingressantes e concluintes, em uma universidade pública do Médio Norte mato-grossense

Descrição	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Inserção no mercado de trabalho	5	13,2	-	-
Influência familiar	3	7,9	1	10,0

Perfil e significados para a formação em enfermagem

Descrição	Ingressantes		Concluintes	
	n	%	n	%
Valorização profissional	3	7,9	1	10,0
Prestígio social	-	-	-	-
Vocação	16	42,1	3	30,0
Baixa concorrência para ingresso	1	2,6	-	-
Outro motivo	9	23,7	5	50,0
Não respondeu	1	2,6	-	-

Fonte: Os autores, 2016.

Para garantir o prestígio social, os profissionais de enfermagem sustentam o pensamento de caridade e doação vocacional no qual a sociedade ainda acredita (PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006).

Sabe-se que, ao entrar na graduação, muitos jovens não conseguem o que realmente desejam, de modo que a enfermagem ainda é a segunda opção no vestibular de alguns jovens, porém esse cenário vem se modificando. Quando indagados sobre a primeira opção do vestibular, 59,9% dos ingressantes relataram que a enfermagem foi a sua primeira escolha no vestibular, os demais tinham entre as principais opções a medicina (21,1%), outros (19,1%) optaram por nutrição, fisioterapia, e até mesmo por profissões bem distintas da área da saúde, como veterinária, direito e engenharia de produção. Dos concluintes, 60,0% tinham a enfermagem como primeira opção, destacando que dos demais apenas 20,0% desejavam ter cursado medicina. Estudo realizado em uma universidade privada de Curitiba mostra que 79,1% escolheram a enfermagem por gostar da profissão (VALL; PEREIRA; FRIESEN, 2009). A diferença entre esta pesquisa e a de Curitiba provavelmente ocorre devido a ser uma universidade pública e outra privada, nesta última espera-se que os acadêmicos entrem no curso por realmente gostarem já que terão que pagar mensalmente pelos estudos.

A escolha da enfermagem

Muitos acadêmicos chegam às universidades para cursar uma área que não conhecem ao certo e, somente no decorrer da graduação, percebem que aquele curso pode não o satisfazer, portanto é primordial que o indivíduo esteja bem informado sobre

a graduação que escolheu e sobre qual será seu papel como futuro profissional (JABBUR; COSTA; DIAS, 2012). Após a leitura das respostas dos acadêmicos justificando o porquê da escolha pela enfermagem, permitiu-se identificar que a escolha se dá em vista de a profissão de enfermeiro ajudar pessoas, ser um curso mais próximo da medicina, ser da área da saúde, ter uma inserção no mercado, e é perceptível a incerteza na escolha profissional ao terminar o ensino médio.

Frente ao aspecto ajudar, é identificado que a ação de gostar, ajudar e cuidar apresentou-se com muita evidência. Cabe ressaltar que o fato de ajudar e/ou gostar de pessoas esteve presente em apenas uma fala dos concluintes.

É evidenciado nos sujeitos:

[...] querer auxiliar e ajudar as pessoas em si [...] formar em enfermagem, jamais foi motivo de verba e sim amor. (I.N. 36)

Por gostar de pessoas, sem distinção de cor, raça, ou classe social. (I.N. 34)

Pelo fato de gostar do contato direto com os pacientes/clientes além de pode ajudar a salvar vidas. (C.O. 07)

O verbo “ajudar” é tido como sinônimo de cuidar e, tornou-se objeto da enfermagem desde a criação da ação moderna da assistência. E é notória a necessidade de que as pessoas que busquem essa área tenham para com ela uma relação de amor “[...] formar em enfermagem, jamais foi motivo de verba, e sim amor.” (I.N. 36). Mas enfermagem tornou-se hoje mercado de trabalho, é uma profissão que desponta na formação e exige dos profissionais cada vez mais investimento e conhecimento científico. Há um espaço de questionamento: essa enfermagem ainda deriva-se de vocação e de amor? Não é este nosso objeto de discussão, nesse texto, mas, a análise dos dados possibilitou fazer essa inferência.

A escolha do curso possui relação com a área e reapresenta a relação da ajuda, como escolha do curso, mas é perceptível que a enfermagem não é a escolha, é possível indagar que qualquer profissão que ajude, talvez possa ser ocupada por esse acadêmico:

Porque me identifico com a área da saúde [...] e acredito que posso ajudar nas mudanças. (I.N. 03)

Por ser área da saúde também. (I.N. 02)

[...] sempre tive vontade de fazer algum curso na área da saúde. (C.O. 08)

As afirmações acima derivam da discussão de uma oportunidade transitória entre a enfermagem e a medicina. Apesar de este estudo em maior prevalência apresentar que esses acadêmicos queriam a enfermagem, as falas em conceito subjetivo não se sustentam enquanto justificativa de escolha:

Ser o curso que mais parece com medicina. (I.N. 21)

Porque eu desejo tentar medicina [...] sem falar que terei um diploma de uma faculdade pública [...]. (I.N. 30)

Porque é o curso mais próximo à medicina, que é na verdade o que queria fazer. (C.O. 01)

Perry (2013) afirma que há uma escassez de enfermeiros qualificados para suprir vagas existentes em todo o mundo, principalmente pela perda desses profissionais para outras profissões, afetando todos os ramos da enfermagem, porém oferece novos desafios e oportunidades profissionais para os que permanecem na profissão.

Diretamente para a enfermagem nota-se que:

Optei por me sentir apaixonado pela arte de cuidar, sempre quis enfermagem. (I.N. 15)

Bom, sempre foi um sonho ser enfermeira não me vejo fazendo outra coisa. (I.N. 25)

[...] por já ter cursado o curso técnico em enfermagem e querer me aperfeiçoar dentro da área de atuação que escolhi. (C.O. 09)

Percebe-se que a maioria dos acadêmicos optam por enfermagem realmente pela profissão, ou por uma ascensão do nível técnico de enfermagem.

Dos acadêmicos concluintes, nenhum mencionou sobre o mercado de trabalho da enfermagem. Beck et al. (2014) afirmam que alunos prestes a concluir a graduação e ingressar no mercado de trabalho podem ter a autoestima comprometida pela falta de perspectiva de trabalho, decorrente tanto do cenário econômico do país, como de questões de natureza histórica e cultural inerentes à profissão. Pode este ser um dos motivos que fez com que nenhum concluinte mencionasse sobre o mercado de trabalho. Já os ingressantes I.N. 07 e I.N. 37 (10,5%) mencionaram que a escolha da enfermagem foi devido à inserção no mercado de trabalho e por ser um curso que gostam.

Carrijo et al. (2007) mostram que 95,1% dos formandos estão inseridos no mercado

de trabalho, sendo que a maioria destes tiveram inserção de um a três meses após formação. Este estudo confirma a opinião dos ingressantes mostrando que a enfermagem possui inserção no mercado de trabalho. Em contrapartida, a pesquisa *Perfil da Enfermagem no Brasil*, por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem e realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, aponta que 65,9% dos profissionais de enfermagem tiveram dificuldades de encontrar emprego. A área já apresenta situação de desemprego aberto, pois 10,1% dos profissionais entrevistados vivenciaram situações de desemprego nos últimos 12 meses (BRASIL, 2015).

A Pesquisa, cujos resultados também apontam desgaste profissional em 66,0% dos entrevistados e grande concentração da força de trabalho na Região Sudeste (mais da metade das equipes consultadas). O mais amplo levantamento sobre uma categoria profissional já realizado na América Latina é inédito e abrange um universo de 1,6 milhão de profissionais (BRASIL, 2015).

O desemprego sinaliza em âmbito nacional uma crescente onda de formação associada ao número de abertura de escolas, à popularização do ensino superior e à concentração de recursos humanos em centros tecnológicos (ERDMANN; FERNANDES; TEIXEIRA, 2011; SILVA et al., 2009).

Os concluintes mostraram dúvidas em relação à escolha profissional, fase que acontece com muitos jovens ao concluir o ensino médio:

“Por que havia concluído o ensino fundamental e médio [...] resolvi fazer o curso principalmente por ser público”. (C.O. 03)

“Porque eu não sabia ao certo que curso queria [...]”. (C.O. 06)

“Aff... não sei”. (C.O. 02)

Atualmente a escolha profissional se inicia cada vez mais cedo, muitas vezes por pressão exercida por alguns familiares e pelo atual sistema de ensino que exige do aluno uma posição rapidamente, fazendo com que eles optem por cursos sem nenhuma afinidade aparente (CÂMARA et al., 2014).

O significado da profissão

Quando indagados a descrever sobre “o que é ser enfermeiro”, ingressantes

prevalecem nas concepções de amor, abnegação pela profissão e doação. Diferentemente dos concluintes que já trazem consigo uma bagagem de cinco anos convivendo com a classe e, além do cuidar, já definem o enfermeiro com atribuições específicas da sua função.

Os acadêmicos ingressantes possuem menor conhecimento em relação à enfermagem quando comparados aos concluintes, porém quando se referem à função do enfermeiro a visão de ambos se assemelha (ANDRADE, 2013).

Os alunos iniciais carregam consigo a ideologia da enfermagem religiosa/vocacional, na qual o enfermeiro é aquele que abdica de sua vida em função de cuidar do próximo:

“Você deixar sua vida pessoal, de lado pra ajudar o próximo que você nunca viu [...] é amor a quem precisa.” (I.N. 16)

“Ser alguém que gosta de cuidar de gente, que gosta de viver pelos outros.” (I.N. 24)

A enfermagem religiosa/vocacional se desenvolveu na Era Cristã e Idade Média, com organizações voltadas para a caridade e o cuidado de doentes. Nesse sentido, o amor e doação estão associados ao exercício da obediência e humildade, contribuindo para que os enfermeiros trabalhem sempre a serviço do outro, sem uma remuneração justa ou mesmo condições de trabalho que possibilitem um digno exercício da profissão (NAUDERER; LIMA, 2005). Percebe-se que essas marcas ainda perduram e se explicitam na concepção de alunos de enfermagem, enquanto o enfermeiro é aquela pessoa que ajuda, que se doa, porém essa concepção não é compatível com o modo como vivemos, em que o trabalhador enfermeiro precisa vender a sua força de trabalho para garantir a sua existência (RODRIGUES, 2001).

Os concluintes, por possuírem bagagem teórico/prática do processo de trabalho do enfermeiro, definem a enfermagem através de uma visão científica, mas alguns ainda referem o conceito de ajuda. A enfermagem nos dias atuais deve participar e tomar decisões complexas em diferentes situações (PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006). É capaz de atuar criticamente rompendo delimitações e mostrando muitas outras competências profissionais:

“[...] é ajudar o próximo com aquilo que necessitam, é ser um bom administrador, um bom gerenciador e um bom líder [...]”. (C.O. 03)

“Ser o profissional que sabe do caso clínico dos pacientes e que pode intervir na sua

assistência quando de sua competência”. (C.O. 07)

É perceptível que os acadêmicos comecem a manifestar que o ser biológico ganha espaço de função na assistência e, por mais que isso gere à assistência de enfermagem o amor e a humanização vista no início, perde-se na fala. O modelo biomédico ainda está presente nas ciências da saúde, e a ação clínica está presente na formação e, quando comparado em ser alguém que gosta de cuidar de gente (I.N.24), percebe-se que a ação iniciada nos ingressantes não se manifesta mais nos concluintes, pois importa mais é saber do caso clínico dos pacientes (C.O. 07).

A essência do cuidar em enfermagem perpassa a humanização do cuidado e foi apresentada por 10,0% dos concluintes, outros 10,0% referem o holismo.

A Universidade do Estado de Mato Grosso (2011, p. 14), em seu Projeto Político-Pedagógico bacharelado em Enfermagem, campus universitário de Tangará da Serra, MT, tem o intuito de:

[...] formar um profissional crítico, reflexivo e humanista, competente técnica e politicamente, capaz de atuar na atenção individual, coletiva, educar em saúde, gerenciar serviços de saúde e de enfermagem e produzir conhecimentos em saúde.

Ainda se ressalva que o Projeto Político-Pedagógico busca formar o enfermeiro dentro da concepção holística do conhecimento e do trabalho em saúde.

A palavra holismo deriva do grego *holikós*, que significa todo, inteiro, completo (LEMOS et al., 2010). Percebe-se que o holístico resultou apenas no conhecimento para o trabalho, como diz o concluinte C.O. 07: “Ser o profissional que sabe do caso clínico dos pacientes.” Será que a proposta de formação está sendo alcançada?

Os concluintes ainda ressaltam frente ao ser enfermeiro uma desvalorização profissional e o acúmulo de funções exercidas em organizações de saúde:

“Significa trabalhar demais! [...] tornar-se o profissional mais importante na execução do trabalho” (C.O. 01)

“[...] às vezes nem é reconhecido por todas as atividades que o enfermeiro desempenha [...]” (C.O. 02)

“Muita responsabilidade para pouco reconhecimento” (C.O. 06)

O caráter manual atribuído ao cuidado direto aos doentes desde o início da profissão, ainda hoje, contribui para sua desvalorização, visto que as atividades práticas são percebidas como de inferioridade em relação ao trabalho intelectual (NAUDERER;

LIMA, 2005). No entanto os próprios enfermeiros podem ser os principais divulgadores de sua profissão e de seu trabalho desenvolvido, eles buscam o aperfeiçoamento, porém não há divulgação, fazendo com que a enfermagem seja pouco reconhecida (MARTINS e FERNANDES, 2014).

Os ingressantes não mencionaram nesse momento desvalorização profissional e/ou excesso de carga de trabalho, talvez pelo fato de não terem contato diretamente com o ambiente de trabalho, ou por até mesmo não visualizarem dificuldades na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil desta pesquisa trouxe acadêmicos em sua maioria jovens, do sexo feminino, tanto para ingressantes como concluintes, mostrando uma crescente inserção do sexo masculino na enfermagem entre os ingressantes, não possuindo filhos nem vínculo empregatício. Destaca-se a inserção do jovem proveniente de escola pública em universidade também pública, seja através do sistema de cotas ou não.

A escolha da enfermagem se dá por diversos motivos, seja vocacional ou afinidade pela área da saúde. Tanto os ingressantes quanto os concluintes trazem consigo o conceito de cuidar na enfermagem, porém os ingressantes o visualizam como forma de ajuda/doação para outra pessoa; já para os concluintes essa concepção se perde no decorrer da graduação, trazem consigo uma visão tecnicista do cuidado. Cabe ressaltar que esses acadêmicos almejam o reconhecimento profissional, mas esse reconhecimento depende do outro, ou seja, não citam ações para que isso seja alcançado, só esperam ser reconhecidos.

É notória a falta de trechos que referem à enfermagem humanizada, assunto comentado atualmente pelo sistema único de saúde, realizando a criação de programas que atendam a necessidade da enfermagem humanizada para o novo cliente da saúde. Faz-se necessário repensar a formação desses acadêmicos para atender ao mercado de trabalho que, a cada dia, se encontra com novas exigências, e desde a graduação preparar esses futuros profissionais para a realidade do mundo competitivo, para que estes não se sintam tão inseguros para a vida profissional.

Outro ponto de destaque é o intuito de formação desse curso, que gerou uma

reflexão da formação e da inserção desses profissionais no mercado de trabalho. Se identificarmos o mercado de saúde brasileiro não apresenta opção para todos estarem na urgência e emergência, sendo marcante o investimento em promoção e prevenção na contemporaneidade. A ausência dessas palavras nas falas, tanto para os ingressantes como para os concluintes, acreditamos mais forte para os concluintes, gerou inquietude em relação à adequação de currículos para atender as necessidades de um sistema de saúde brasileiro voltado para o fortalecimento do público.

Nesse sentido, aplicar o conceito de uma visão holística, não ao mercado de trabalho, mas às práticas da assistência, pode ser o caminho de transformação desse cenário. O reconhecimento dessa última análise converge para uma pesquisa que se desdobra a caminhos de se repensar e planejar a recepção de ingressos e a formação de concluintes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.M. A enfermagem enquanto profissão: reflexões sobre as concepções dos acadêmicos quanto ao trabalho e sua precarização. 2013. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

BAPTISTA, S.S.; BARREIRA, I.A. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. esp., p. 411-416, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BECK, C.L.C; PRESTES, F.C.; SILVA, R.M.; TAVARES, J.P.; PROCHNOW, A. Identidade profissional percebida por acadêmicos de enfermagem: da atuação ao reconhecimento e valorização. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 22, n. 2, p. 200-205, 2014.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem: diagnóstico da profissão aponta concentração regional, tendência à masculinização, situações de desgaste profissional e subsalário. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html>. Acesso em: 8 nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Instituições de educação superior e cursos cadastrados*. Brasília, DF, 2017. Base de dados oficial. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BRITO, A.M.R.; BRITO, M.J.M.; SILVA, P.A.B. Perfil sociodemográfico de discentes de enfermagem de instituições de ensino superior de Belo Horizonte. **Escola Anna Nery**, v. 13,

n. 2, p. 328-333, 2009.

CÂMARA, A. G. et al. Motivações de estudantes para cursar enfermagem: entre a empatia e o mercado de trabalho. *Revista Enfermagem UFPE On Line*, Recife, v. 8, n. 2, p. 346-350, 2014.

CARRIJO, C. I. S. et al. A empregabilidade de egressos de um curso de graduação em enfermagem. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 356-363, 2007.

ERDMANN, A.L.; FERNANDES, J.D.; TEIXEIRA, G.A. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. **Enfermagem em Foco**, v. 2, p. 89-93, 2011.

HERMIDA, P.M.V. Representação social dos discentes de enfermagem sobre a profissão e profissional enfermeiro. **Revista de Educação**, v. 11, n. 12, p. 137-155, 2008.

JABBUR, M.F.L.O.; COSTA, S.M.; DIAS, O.V. Percepções de acadêmicos sobre a enfermagem: escolha, formação e competências da profissão. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, v. 1, n. 1, p. 3-16, 2012.

KREMPEL, M.C. Recomendação encaminhada ao MEC repercute nas redes sociais. *Brasília*, DF: Conselho Federal de Enfermagem, 2012. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/cofen-recomenda-que-cursos-de-enfermagem-a-distancia-nao-sejam-reconhecidos_16039.html>. Acesso em: 19 dez. 2016.

LEMONS, R.C.A. et al. Visão dos enfermeiros sobre a assistência holística ao cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 354-359, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/fen/article/download/5544/6944>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

MARTINS, M.J.R.; FERNANDES, S.J.D. A visibilidade da enfermagem, dando voz à profissão: revisão integrativa. **Revista Enfermagem UFPE On Line**, v. 8, n. 7, p. 2.422-2.433, 2014. Suplemento. Disponível em: <<http://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/9934/10232>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MATO GROSSO. Governo do Estado. Programa de Integração e Inclusão Étnico-Racial – PIIER, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Resolução n. 200/2004-CONEPE). Cuiabá, 2008. Disponível em: <http://www.unemat.br/proec/docs2008/cotas_unemat_piier.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

NAUDERER, T.M.; LIMA, M.A.D.S. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 1, p. 74-77, 2005.

PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E.N.R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.

PERRY, A.G. Enfermagem hoje. In: POTTER, P.A. et al. **Fundamentos da enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p. 1-14.

RODRIGUES, R.M. Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 6, p. 76-82, 2001.

SILVA, E.M. et al. O aumento dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil nos últimos 15 anos: determinações e sustentabilidade. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, 61., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ABEn, 2009. p. 2.345-2.348.

SOUSA, F.A.E. F.; SILVA, J.A. Prestígio profissional do enfermeiro: estimação de magnitudes e de categorias expandidas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 6, p. 19-24, 2001.

SOUSA, F.A.E. F.; SILVA, J.A. Psicofísica do prestígio social: comparação entre diferentes métodos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 320-325, 2003.

TEIXEIRA, E. et al. Trajetória e tendências dos cursos de enfermagem no Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 4, p. 479-487, 2006.

TEIXEIRA, M.A.P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. Projeto Político Pedagógico: bacharelado em Enfermagem campus universitário de Tangará da Serra, Tangará da Serra, 2011.

VALL, J.; PEREIRA, L.F.; FRIESEN, T.T. O perfil do acadêmico de enfermagem em uma faculdade privada da cidade de Curitiba. **Cadernos de Escola de Saúde**, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2009.

VITORINO, D.F.P.; HERTEL, V.L.; SIMÕES, I.A.R. Percepção de moradores de uma cidade de Minas Gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 16, n. 4, p. 528-537, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *The World Health Report 2006: working together for health*. Geneva. 2006. Disponível em: <http://www.who.int/whr/2006/whr06_en.pdf?ua=1>. Acesso em: 22 fev. 2017.